

A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO

INTERDISCIPLINARITY ON EDUCATION

INTERDISCIPLINARIEDAD EN LA EDUCACIÓN

MARIA LÚCIA BORGES GATTÁS¹

ANTONIA REGINA FERREIRA FUREGATO²

Este artigo procura discutir conceitos teóricos sobre a interdisciplinaridade preconizados por alguns estudiosos para superação do ensino tradicional. Na Educação, considera-se que o desafio atual é o de assumir um paradigma teórico-metodológico que permita o enfrentamento da ambigüidade, da contradição, da incerteza e que leve à percepção do significado do caos e da complexidade sem perder de vista a dinâmica e a singularidade do fenômeno em estudo e, sobretudo, dentro de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre sua origem, natureza, interações e integralidade. O projeto interdisciplinar é uma ferramenta inovadora e que promove mudanças na educação. A atividade interdisciplinar reclama saber especializado, originalidade e diversidade de conhecimentos, permitindo a pluralidade de contribuições para compreensões mais consistentes acerca de determinado objeto, tal como ocorre no ensino de profissões da área da saúde.

PALAVRAS CHAVE: Educação em saúde; Educação em Enfermagem; Comunicação interdisciplinar.

This article aims at discussing theoretical concepts on interdisciplinarity, based on some experts, in order to overcome traditional teaching. In education, the current challenge is to assume a theoretical-methodological paradigm that makes it possible to deal with ambiguity, contradiction, uncertainty and leads to the perception of the meaning of chaos and complexity, without losing sight of the dynamics and singularity of the study phenomenon and, mainly, within a critical and reflexive perspective on its origin, nature, interactions and integrality. The interdisciplinarity project is an innovative tool that promotes changes in education. Interdisciplinary activity requires specialized, original and diverse knowledge, allowing for a plurality of contributions with a view to a more consistent understanding of a certain object, like what happens in health professional teaching.

KEYWORDS: Health education; Education, nursing; Interdisciplinary communication.

La finalidad de este artículo es polemizar conceptos teóricos sobre la interdisciplinarietà, preconizados por algunos especialistas, para ir más allá de la educación tradicional. Seleccionamos autores de reconocido saber para apoyar esta reflexión. En la Educación, se considera que el desafío actual es el de asumir un paradigma teórico-metodológico que permita el afrontamiento de la ambigüedad, de la contradicción, de la incertidumbre y que lleve a la percepción del significado del caos y de la complejidad sin perder de vista la dinámica y la singularidad del fenómeno bajo estudio y, sobre todo, dentro de una perspectiva crítica y reflexiva sobre su origen, naturaleza, interacciones e integralidad. Este proyecto interdisciplinario es una herramienta nueva y que promueve cambios en la educación. La actividad interdisciplinaria exige saber especializado, originalidad y diversidad de conocimientos, permitiendo la pluralidad de contribuciones para comprensiones más consistentes a cerca de determinado objeto, tal como ocurre en la enseñanza de profesiones del área de la salud.

PALABRAS-CLAVE: Educación en salud; Educación en enfermería; Comunicación interdisciplinaria.

¹ Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Docente da UNIUBE. malubor@uol.com.br

² Prof^a Titular do Depto Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. EERP/USP. furegato@eerp.usp.br

INTRODUÇÃO

O sistema educacional universitário tem seus projetos pedagógicos fragmentados, inspirados no modelo de divisão do saber representado pela *disciplina*: sua estrutura organizacional é crivada por departamentos isolados que não se comunicam uns com os outros, o mesmo acontecendo com os professores, que não compartilham experiências e vivências. A prática educativa tradicional reprime a criatividade e o diálogo comunicativo¹.

No Brasil, como em vários países no mundo, tem havido questionamentos a respeito do sistema educacional nos vários níveis do processo de formação de recursos humanos. Vivemos num período de rápido desenvolvimento científico e tecnológico com implicações sobre a formação de profissionais. Os problemas atuais são cada vez mais complexos como o crescimento demográfico, o empobrecimento de toda ordem, a exclusão social, o envelhecimento populacional, a juventude urbana. Esses problemas, além de gerarem impotência, insegurança e incertezas têm reflexos no ensino e na formação de recursos humanos, exigindo profissionais com um perfil diferenciado: crítico, reflexivo, dinâmico, com competência e habilidades para atuar em diferentes situações, especialmente no trabalho em equipe. Essas expectativas são depositárias da responsabilidade social do ambiente educacional.

Dessa forma, espera-se que a Universidade seja promotora de discussões e de implementação de práticas pedagógicas transformadoras².

Em vista deste panorama, o propósito deste artigo é trazer a questão da interdisciplinaridade relativa ao ensino, destacando os conceitos teóricos preconizados por alguns autores, com vistas a sua aplicabilidade para a área da saúde.

CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

Como forma de compreender a complexidade dos fenômenos, diminuir os efeitos negativos da fragmentação do conhecimento e oferecer assistência humanizada pela percepção do homem, em suas várias dimensões, a interdisciplinaridade tem ocorrido de maneira bastante intensa no preparo dos futuros profissionais de saúde tanto

na educação formal, quanto nas atividades do cotidiano dos serviços³.

Não pretendendo esgotar o tema, selecionamos alguns autores de reconhecido saber para subsidiar esta reflexão. Sem prejuízo dos demais, elegemos preferencialmente Olga Pombo^{4,5} porque, em contato com a própria autora, em seminário internacional sobre o assunto, tivemos oportunidade de melhor elaborar o termo, tornando-o mais compreensível, a partir de suas colocações e do material bibliográfico, gentilmente cedido e que para nós era desconhecido, até então. Seus comentários e reflexões foram importantes para nosso estudo sobre o tema⁶.

O movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, notadamente na França e na Itália, em meados da década de 1960, época em que se insurgem os movimentos estudantis, reivindicando um novo modelo curricular para a escola e para a universidade⁷. Esse movimento estudantil, partilhado por grupos de professores, priorizava um ensino mais voltado para a realidade social, maior aproximação entre teoria e prática, assim como o implemento de conteúdos significativos de cunho social nos currículos vigentes^{7,8}.

Durante os acontecimentos de maio de 68, na França, a interdisciplinaridade, como uma reivindicação estudantil, passou a compor a base de muitas experiências de âmbito e amplitude variados, em geral experiências originadas nos anseios dos professores⁵.

A interdisciplinaridade é termo bastante usado (e muito polêmico). Seu uso está vinculado à atividade no campo do saber e das ações^{5,6,9}. As fronteiras entre as disciplinas são porosas, podendo tudo inserir, misturar e amalgamar.

A palavra interdisciplinaridade tem sido explorada em vários campos da atividade humana tanto na investigação científica, em novos modelos de comunicação, colóquios, congressos como também no contexto empresarial e educacional⁵

A interdisciplinaridade surgiu na educação não como uma nova proposta pedagógica, mas como uma *aspiração* emergente entre os próprios professores. O termo aparece como uma “palavra vaga, imprecisa, significativa, flutuante e ambígua”, que ninguém sabe definir, mas que todos parecem buscar e entender⁴.

A interdisciplinaridade é o exercício de alguma coisa que se faz entre um objeto voluntarista (objeto que acre-

ditamos fazer, temos vontade de fazer, uma espécie de estímulo para fazer) e, ao mesmo tempo, é qualquer coisa que vai acontecendo, está sendo feita, quer queiramos ou não⁴.

Existem palavras ligadas entre si pelo radical **disciplina**: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade. Elas têm em comum o fato de designarem diferentes modos de relação e articulação entre disciplinas ou um processo de **integração disciplinar**. A necessidade de integração é um momento anterior à interdisciplinaridade⁹.

O conceito de multidisciplinaridade aparece com frequência como sinônimo de pluridisciplinaridade ou em seu lugar. O conceito de interdisciplinaridade ocupa uma posição intermediária ou intervalar em relação à multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade e à transdisciplinaridade. A interdisciplinaridade é pensada como algo que se deve entender como mais do que a pluridisciplinaridade e menos do que a transdisciplinaridade⁴.

Pombo⁵ descreve a evolução, ao longo dos séculos, das transformações epistemológicas. O progresso do conhecimento já não se dá apenas pela especialização como estamos habituados a pensar. A ciência começa a despontar como um processo que exige olhares transversais, abertura para os lados a fim de se perceber outras coisas que podem estar ocultas a um observador rigidamente disciplinado.

O progresso científico, a partir de meados do século XX, deixou de se fazer de modo linear com o aumento da especialização mas, ao contrário, é cada vez mais dependente de fecundação recíproca de diversas disciplinas, de transferência de conceitos, problemas e métodos, isto é, do cruzamento interdisciplinar.

O modelo positivista de ciência analítica afeta, desfavoravelmente, o desenvolvimento de áreas que carecem de fertilização externa para responder à compreensão e resolução das questões ligadas às condições de existência, de estar no mundo. Se a especialização, decorrente do modelo positivista trouxe vantagens para a investigação em profundidade e para aplicações do conhecimento, também trouxe enorme custo, em particular, no que diz respeito à inteligibilidade e à compreensão do mundo, do ser humano, das relações de vida e de trabalho⁵.

Perceber estas transformações epistemológicas é perceber que onde esperávamos encontrar o *simples* está o *in-*

finitamente complexo, e quanto mais adelgada é a análise, maior se apresenta a complexidade. Conclui-se que o todo não é a soma das partes e esse fato é para ela uma das chaves fundamentais para o entendimento dessa questão⁵.

Se o todo não é a soma das partes, a especialização tem que ser complementada, e em alguns casos substituída, por uma compreensão interdisciplinar capaz de responder pelas configurações, arranjos, perspectivas múltiplas que a ciência tem que buscar para o conhecimento mais profundo dos seus objetos de estudos.

Ao discorrer sobre a evolução do conhecimento, ao longo dos anos, Pombo⁵ o faz sob a forma de metáfora. Ela afirma que estamos entrando no terceiro momento da história das relações do homem com o mundo. O primeiro foi o da civilização oral que correspondeu ao círculo da *Paidéia*, ou seja, o círculo perfeito do conhecimento. Era um saber de totalidade, quando as relações do homem com o mundo se processavam de maneira orgânica, em completa comunhão com a natureza. Esse movimento circular acompanhou a humanidade até o Renascimento. No século XVII percebeu-se que o círculo tinha se fendido. Descartes, o pai do racionalismo moderno, postulou que a ciência era uma arte que tinha suas raízes na filosofia, na metafísica e um tronco com galhos que se ramificavam em diversos ramos. A metáfora da ciência analítica é um esquema arborescente. Chama-se a atenção para essa metáfora para destacar a especialização que nela se anunciava: os frutos que são as diversas leis, as diversas teorias, as diversas formas matemáticas, encontram-se nas terminações, cada vez mais finas, que são *os ramos das ciências*. Havia uma raiz, um tronco cartesiano que se elevava, que se dividia em ramos e pequenos galhos dos quais saíam os frutos, todos ligados por uma espécie harmoniosa e fecunda de hierarquia e que, a partir de meados do século XX, avança para um modelo em rede, com complexas constelações, sem hierarquias, sem ligações privilegiadas.

Assim como os homens do século XVII tiveram que abandonar a idéia de círculo, nesse terceiro momento da história das relações do homem com o mundo, agora temos que aderir à metáfora da rede, das conexões múltiplas, heterogêneas e descentradas.

O educador (tanto da escola fundamental como da universidade) precisa acompanhar este movimento, per-

ceber e compreender as transformações que estão ocorrendo. Trata-se de uma realidade nova para todos, o que exige capacidade para encontrar formas mais distendidas de conhecimento.

A interdisciplinaridade, além do componente cognitivo que a constitui, também é pensada em termos de **atitude**. Revela-se como uma idéia, uma prática, um projeto que tem como base uma autêntica vontade de colaboração, de cooperação, de diálogo, de abertura ao outro. Paralelamente, a interdisciplinaridade é pensável, em termos de **poder**. Ela não anula as formas de poder que todo o saber comporta, mas exige a disponibilidade para partilhar um saber e um poder que se tem consciência de não ser proprietário. Trata-se de não ocultar o seu próprio saber/poder, mas, ao contrário, torná-lo discursivo e acessível à compreensão de outros⁵.

Um dos pioneiros no estudo da interdisciplinaridade destaca esta ferramenta de superação da fragmentação do pensamento e da visão parcelar do mundo¹⁰. Argumenta que as especialidades devem transcender suas próprias áreas, tomando consciência de seus limites, acolhendo as contribuições das outras disciplinas. Entende a interdisciplinaridade como uma epistemologia de complementaridade e de convergência que possibilita a integração dos saberes; não é uma simples organização de estudos, mas é o próprio sentido da presença do homem no mundo, na sua totalidade.

O Homem é um ser multifacetado e, portanto, precisamos conhecer a tessitura das dimensões biológica, psicológica, afetiva, social, econômica, ecológica e religiosa, quando queremos abordar questões de saúde ou educação.

A interdisciplinaridade ainda pode ser percebida como desestímulo à multiplicação desordenada de especialidades. A interdisciplinaridade pode ser entendida através das relações de interdependências e de conexões recíprocas, rompendo as fronteiras disciplinares. Caracteriza-se pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um mesmo projeto de pesquisa ou trabalho. Encontros entre especialistas não são simples trocas de dados, mas o lugar e ocasião onde se verificam trocas de informações, de críticas e de rupturas epistemológicas que levam a um trabalho comum de busca de *interação* entre duas ou mais disciplinas¹¹.

Nesta concepção, o processo interativo se faz pela *comparação* dos resultados obtidos por uma disciplina com os resultados fornecidos por outra disciplina, pelo *confronto* dos pontos de vista ou enfoques diferentes, podendo essa interação ir desde a simples comunicação das idéias até a *integração* mútua. O papel da atividade interdisciplinar consiste em lançar pontes para religar as fronteiras das disciplinas.

Ainda nesta metodologia interdisciplinar, o trabalho nasce de uma equipe de especialistas de áreas diferentes, buscando aproximações de concepções de ciência e de seus conceitos, com disponibilidade de espírito para construir coletivamente novas formas de visualizar os fenômenos, o que comporta: a) constituição de um grupo de trabalho, institucional para garantir estabilidade; b) estabelecimento de conceitos-chave, isto é, domínio lingüístico mínimo; c) formulação do problema a ser enfrentado; d) organização com divisão de tarefas; e) distribuição das coordenações gerais, setoriais e de tarefas; f) apresentação de resultados disciplinares e discussão dos resultados¹¹.

Interdisciplinaridade também implica em relações de reciprocidade, de mutualidade, de substituição da concepção fragmentária por uma concepção unitária do ser humano: é movimento de renovação. Considera-se que a interdisciplinaridade é um processo que precisa ser vivido e exercido. Um projeto interdisciplinar, às vezes, surge de uma pessoa que possui, em si, a atitude interdisciplinar e estende-o para outras, para um grupo. A realização de um trabalho interdisciplinar exige a elaboração de um projeto inicial, coerente e claro para que as pessoas sintam o desejo de fazer parte dele⁵.

A experiência dos cursos da área da saúde, na Universidade de Uberaba, mostrou que, na prática, são importantes para o desenvolvimento das atividades interdisciplinares um projeto suficientemente detalhado e objetivo para o entendimento cognitivo e operacional dos envolvidos; as pessoas precisam perceber-se interdisciplinares, pois esse trabalho é uma construção coletiva; há necessidade de disponibilidade interna para se integrar e promover a integração das outras pessoas; implica despojamento para se colocar como aprendiz desse processo, pois é algo que está sendo construído e não existe um modelo a ser seguido. Deve-se,

portanto, construir um modelo com as premissas reclamadas em cada ocasião^{3,6,12}.

A construção interdisciplinar reclama o envolvimento de educadores na busca de soluções para os problemas relacionados ao ensino e à pesquisa. O objetivo da interdisciplinaridade é promover a superação da visão parcelar de mundo e facilitar a compreensão da complexidade da realidade e, desse modo, resgatar a centralidade do homem, compreendendo-o como ser determinante e determinado¹².

No contexto do ensino, a interdisciplinaridade é vista como um processo que envolve a integração e o engajamento de educadores. Trata-se de trabalho conjunto, com interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade. Superando a fragmentação do ensino, chega-se à formação integral dos alunos para exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global do mundo, favorecendo o enfrentamento de problemas complexos.

As práticas voltadas para a construção interdisciplinar no contexto educacional, são incipientes. Na enfermagem, algumas experiências de currículos integrados em andamento propõem ações interdisciplinares no seu desenvolvimento. Trabalhos de docentes de diferentes universidades brasileiras revelam a importância da interdisciplinaridade em projetos pedagógicos^{3,13,14,15}.

Os primeiros esforços de professores que se propõem ao trabalho interdisciplinar começam pela construção de uma equipe e pelo estabelecimento de diálogos entre estes membros. A construção da prática interdisciplinar deve reconhecer os esforços, valorizando-os e identificando as transformações ocorridas, orientando o alcance de novos níveis de visão interdisciplinar¹⁰. Por meio de encontros e desencontros, hesitações e dificuldades, avanços e recuos se constrói um processo de comunicação entre os professores. Não há uma receita para a construção interdisciplinar na escola.

A interdisciplinaridade é uma tarefa inacabada porque não se consegue definir com exatidão o que vem a ser *vinculação, reciprocidade, interação, comunidade de sentido ou complementaridade entre as várias disciplinas*¹⁶.

Tal incompreensão vem da falta de experiência vivida e explicitada. Sua prática concreta é ainda um processo incipiente na elaboração do saber, na atividade de ensino,

de pesquisa e ação social. A interdisciplinaridade é algo pressentido, desejado e buscado, mas ainda não atingido. Há esforços de pensadores, pesquisadores, educadores, profissionais e especialistas na busca de práticas concretas da interdisciplinaridade, representando uma diligência significativa rumo à constituição do interdisciplinar.

Nas várias correntes de pensamento, visão interdisciplinar unificada e convergente implica tanto em debates teóricos como aplicação na prática (intervenção social, pedagógica, pesquisa). Entretanto, o homem sendo uma unidade só pode ser apreendido numa abordagem sintetizadora e nunca pela acumulação de visões parcelares¹⁶.

Os conhecimentos da dialética podem fornecer elementos para a construção do sentido de totalidade. As fronteiras entre as várias áreas e ciências relativas ao homem ficam radicalmente diluídas¹⁶, especialmente na educação.

Críticos da interdisciplinaridade¹⁷⁻¹⁸ (na forma como tem sido pensada pelos diferentes autores que, invariavelmente, atrelam a realização dessa ação a um ato de vontade do sujeito, a procedimentos pouco compreensivos porque fundados na subjetividade de seus participantes) entendem que a filosofia do sujeito é a base e a expressão maior da concepção a-histórica, relativa à interdisciplinaridade.

Para eles, sejam na circunstância idealista, na ciência ou na educação que incorra em a-historicidade não se encontra substrato suficiente para configurar a construção histórica do objeto "*interdisciplinaridade*". A construção histórica de um objeto implica a constituição do objeto e a compreensão do mesmo, aceitando, desse modo, a tensão entre o sujeito pensante e as condições objetivas para o pensamento. Há desacordo entre alguns pressupostos relativos à interdisciplinaridade tais como de que a especialização seja um mal que compromete a ciência e deve ser extirpado, ou que a interdisciplinaridade só é fecunda no trabalho em equipe e pode ser vivenciada em qualquer espaço de atuação, surgindo a idéia da pan-interdisciplinaridade. Consideram que estes pressupostos estão baseados no campo das idéias, não se levando em consideração os diferentes momentos históricos e os procedimentos relativos às diferentes formas de criação do conhecimento que constitui o universo do saber^{17,18}.

Uma discussão entre o saber e o conhecer é uma proposta para se chegar à interdisciplinaridade. O saber precisa ser interiorizado para se transformar em conhecimento¹⁹. O processo de interiorização (*deslocamento*) tem sua primeira fase caracterizada pelo *estranhamento*. A segunda fase (*estratégia da explicação ou esclarecimento pelo método do outro*) se dá quando uma ciência se torna objeto da outra. Essa trama reclama decodificação e recodificação, o que conduz às diversas áreas do conhecimento, tanto da estrutura de uma ciência como da outra, tanto na apreensão do novo como na sua incorporação aos valores e conceitos anteriores.

Esses processos conduzem à exploração das potencialidades da disciplina levando-a até seu limite¹⁹. A interdisciplinaridade não reduz a ciência a um denominador comum, pelo contrário, a interdisciplinaridade deve ser elemento mediador e facilitador da compreensão da ciência, possibilitando formas de cooperação, num nível crítico e criativo.

O cientista, ao perceber os limites teórico-metodológicos, freqüentemente despercebidos no cotidiano do trabalho, coloca as condições objetivas para a construção de uma nova teoria, aprende a sair de sua maneira de pensar e de sua metodologia sedimentada, abandonando a rigidez e a fixação epistemológica do saber absoluto. Por sua ação prática, percebe que os conhecimentos são construções finitas o que não impede de superá-los por uma construção mais adequada^{17,19}.

A interdisciplinaridade também pode ser entendida como um método de investigação, capaz de produzir conhecimentos amplos, unitários ou mesmo universalizantes²⁰. Numa analogia ao pensamento de outro autor¹⁹, a interdisciplinaridade se traduziria por uma *postura profissional* que permite transitar pelo “espaço da diferença” com sentido de busca, de desvelamento das interfaces reveladas pelos objetos investigados e de diferentes formas de abordar o real.

A atividade interdisciplinar reclama saber especializado, originalidade e diversidade de conhecimentos, permitindo a pluralidade de contribuições para compreensões mais consistentes acerca de determinado objeto, tal como ocorre no ensino de profissões da área da saúde²⁰.

CONCLUSÕES

A prática da interdisciplinaridade é uma maneira de articular pessoas e conhecimentos, com vistas à percepção do ser humano na sua integralidade.

É tema instigante, atual, que requer reflexão profunda e pouco conhecido na prática. A adesão a um projeto interdisciplinar carece de transformações, desconstrução e reconstrução do que é apresentado tradicionalmente no ensino. Suas ações trazem implícito o processo de aprender a aprender e o de aprender a conviver. A prática da interdisciplinaridade é um desafio. O ponto fundamental do trabalho interdisciplinar, de concepção teórica ou prática é a troca de conhecimentos que se estabelece no interior das interações, enriquecendo os conhecimentos, ampliando os campos de visão dos profissionais envolvidos.

O processo de construção da interdisciplinaridade não é uma tarefa fácil. Há dificuldades em se conviver com as diferenças, com a diversidade e com as inseguranças que permeiam esse tipo de abordagem. Adotar a interdisciplinaridade nos leva a profundas reflexões sobre nossa maneira de atuar, especialmente no ensino, revendo aspectos éticos e sociais e buscando o amadurecimento profissional que se reveste de um novo saber.

Não há um modelo a ser seguido porém, espera-se encontrar despojamento, criatividade, treinamento de certas aptidões e desenvolvimento de competências distintas daquelas da apreensão do conhecimento e do simples pensamento discursivo, isto é, não se levam em conta apenas os aspectos cognitivos. Atitudes como respeito, abertura para o outro, vontade de colaboração, de cooperação, tolerância, diálogo, humildade e ousadia são aspectos inerentes a esse processo.

A interdisciplinaridade tanto na ciência como na educação é uma questão de atitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Freire P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1992.
2. Silva CC, Silva ATMC, Nóbrega MML, Garcia TR. Impacto da escolha do modelo pedagógico na produção

- científica da pós-graduação em enfermagem. Rev. RENE 2005; 6(1): 119-24.
3. Gattás MLB. Introdução. In: Universidade de Uberaba. Projeto de curso de graduação em Enfermagem. Uberaba: Universidade de Uberaba; 1999.
 4. Pombo O. Interdisciplinaridade: conceito, problema e perspectivas. In: Guimarães HM, Pombo O, Levy T. organizadores. A interdisciplinaridade: reflexão e experiência. Lisboa: Texto Editora; 1994.
 5. Pombo O. Interdisciplinaridade: ambições e limites. Lisboa: Relógio D'Água; 2004.
 6. Gattás MLB. Interdisciplinaridade, formação e ação na área de saúde. Ribeirão Preto: Holos; 2006.
 7. Fazenda ICA. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola; 1999.
 8. _____. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papirus; 2001.
 9. _____. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola; 2002.
 10. Gusdorf G. Prefácio. In: Japiassu H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago; 1976.
 11. Japiassu H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago; 1976.
 12. Lück H. Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes; 2001.
 13. Romano RAT. Da reforma curricular à construção de uma nova práxis pedagógica: a experiência da construção coletiva de um currículo integrado. [dissertação]. Rio de Janeiro: Programa de Pós graduação/UFRJ; 1999.
 14. Vilela EM. Interdisciplinaridade no ensino de graduação em enfermagem: um estudo de caso. [tese]. Ribeirão Preto: Programa de Pós graduação em Enfermagem EERP/USP; 2002.
 15. Ito AM, Nunes EFPA, Menezes VL. PEEPIN: uma experiência inovadora na educação superior. Londrina: UEL/NESCO; 1997.
 16. Severino JA. Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade. In: Sá JM. et al. Serviço social e interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos às práticas interdisciplinares no ensino, pesquisa e extensão. São Paulo(SP): Cortez; 2000.
 17. Etges NJ. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: Jantsch P, Bianchetti L. (Organizadores). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes; 2000.
 18. Jantsch AP, Bianchetti L, organizadores. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes; 2000.
 19. Etges NJ. Produção do conhecimento e interdisciplinaridade. Educação e Realidade 1993; 18(2): 73-82.
 20. On ML. O Serviço social e a perspectiva interdisciplinar. In: Martinelli ML, On ML, Muchail ST, organizadores. O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber. São Paulo: Cortez; 1998.

RECEBIDO: 10/05/06

ACEITO: 17/01/07